Não é possível experimentar a alegria sem experimentar a tristeza

Por Gustavo Ranieri

Fotos Rodrigo Braga

Dizem que Ana Cássia Rebelo é uma nova porta-voz do feminismo e a renovadora da literatura portuguesa; acontece que ela não quer ser nada, exceto ela mesma

Dou-me o direito de imaginar a figura de Ana Cássia Rebelo à semelhança de sua literatura, ainda que soe um ato egoísta, como a criar uma escritora particular. À medida que avanço as páginas atribuo características a ela, as mesmas que, por fim, acabo por jogar fora. Ana Cássia não é uma escritora a ser decifrada. Ao contrário, é de uma franqueza clara, que se impõe sem metáforas, o que fica de imediato evidente no livro e durante nosso encontro. Marcamos a entrevista para uma tarde de sábado do último mês de setembro, no centro da cidade de São Paulo. Aproveito sua breve passagem pelo Brasil, onde veio palestrar em um festival literário, para conhecer aquela que é apontada como uma expoente da literatura portuguesa, alguém que traria uma renovação necessária e aguardada. Na contracapa da edição brasileira de *Ana de Amsterdam* (Biblioteca Azul), livro que lançou em seu país em 2015 e agora por aqui, chega a ser comparada com características da poeta norte-americana Sylvia Plath. Mas os atributos, sejam eles quais forem, são rechaçados. “São um absurdo, uma estupidez essas comparações que fazem aí na capa com Sylvia Plath; não tem comparação possível. E essas outras coisas são os críticos que dizem, mas não vesti isso de ser uma nova voz da literatura portuguesa, até porque não sinto pressão nenhuma em ter de continuar a escrever. Aquilo que mais gosto de fazer é ler e sou muito apologista do ócio.”

O próprio título de escritora demorou a ser encarado por Ana Cássia. Nascida em Moçambique, filha de uma alentejana e de um pai goês, embora desde muito cedo tenha ido para Lisboa, onde vive ainda hoje, não é difícil vê-la se apresentando primeiro como jurista, profissão de que gosta muito e que exerce há bastante tempo em uma instituição pública. O escrever começou mais fortemente há 15 anos em páginas na internet, até ter um peso maior no ano de 2006, quando a autora naturalizada portuguesa criou o blog *Ana de Amsterdam* – o livro homônimo traz uma coletânea de textos que publicou online entre 2006 e 2014. Fã de Chico Buarque e da canção com a qual batizou sua página, Ana se muniu de um texto absolutamente pessoal e honesto, para, ao menos, ser o escape de sentimentos/questionamentos angustiantes para ela, especialmente a depressão, o matrimônio e a maternidade.

As crises depressivas começaram quando tinha 20 anos. No início, não se compreendia doente; não aceitava o diagnóstico – ainda hoje, sente “culpa de não ser capaz de deter os mecanismos que devo recorrer para contrariar a doença”. Anos mais tarde, quando já esposa e mãe, sofria em dobro ao tentar disfarçar aquilo que enfrentava diariamente. “É um sofrimento duplicado quando tu tentas que as pessoas não se apercebam, é uma solidão enorme. Chorar às escondidas é uma coisa terrível. Muitas vezes ia e ainda vou à igreja chorar para que as pessoas não me vejam. Não acredito em deus, mas tenho lá um conforto.”

Mãe de três filhos, hoje com 8, 15 e 18 anos, Ana Cássia, 44, encarou a maternidade com muita dificuldade e paralelamente via o casamento ruir – ela se divorciou em 2010, pois se sentia propriedade do marido, como se obrigada a fazer aquilo que é vontade do homem. “A maternidade é um doce fardo, mas é um fardo. A maternidade me obrigava a viver em função dos filhos e eu não queria isso. Há um estereótipo de a mulher ser mãe e aquelas que não se tornam continuam a ser vistas de lado; aquelas cuja realização se encontra na profissão e em outras áreas da vida, mas não na maternidade, continuam a ser vistas de lado. Isso para mim é bastante evidente.”

Sentindo-se só, sem apoio, era como se a vida estivesse a ser podada. Não impede, claro, que amasse os filhos e nem que confesse hoje os únicos dois medos que tem: morrer e não ver todos os rebentos crescidos. Em meio a isso tudo, se sentiu frígida sexualmente e demorou a entender que era um problema que não acometia a ela apenas, embora ninguém costume assumir abertamente. Coube a Ana Cássia, portanto, ser essa porta-voz de sentimentos latentes e, provavelmente por isso, tenha abarcado um número sem fim de leitores. “Sempre me senti muito só por viver em um mundo em que as pessoas não revelam sua intimidade, não revelam sua tristeza, num meio um pouco conservador, no qual temos sempre de demonstrar a imagem de sucesso, de sermos cordatos. Mesmo na faculdade, as minhas colegas não falavam de sexualidade e, se alguém falasse de masturbação, elas ficavam horrorizadas. E eu, como me masturbo desde muito nova, pensava que deveria ser a única mulher no mundo que se masturba (risos). Portanto, sempre senti uma solidão enorme, por causa da minha sexualidade, masturbação e depois a frigidez, pois também achava que era a única mulher frígida no mundo. E também em função da depressão. A escrita teve esse papel, me ajudou a relativizar as coisas e a compreender melhor. A escrita permitiu que eu desse vida à minha vida.”

Pela atitude verdadeira, não demorou para Ana Cássia ser também apontada como um potencial símbolo do feminismo. A escritora nega qualquer pretensão de ser porta-bandeira, mas confessa que o assunto a interessa muito. Mais do que isso, diz não saber ser mulher sem ser feminista. “Mas agora há diversos tipos de feminismo. Há um muito em voga, que tem origem nos EUA e se contrapõe ao dos anos 1950. Esse atual acredita no instinto materno, que é uma coisa que nunca senti. Aprendi a ser mãe, mas essas feministas acreditam no instinto materno. E estou totalmente em desacordo com isso. Não quero ser porta-voz de ninguém, mas percebo que minha escrita assume uma natureza política, porque isso é a mulher que sou, a mulher que se masturba, que é frígida, que pensa em suicídio, que sente o fardo da maternidade. Isso não me diminui como mulher nem como mãe. Não estou a confessar nenhum pecado. Estou a assumir aquilo que a maior parte das pessoas não assume. Nesse sentido, acho que minha escrita tem esse caráter militante.”

UMA OUTRA
De 29 de junho de 2006 a 30 de outubro de 2014, Ana Cássia Rebelo postou os textos que integram *Ana de Amsterdam*. Em algum período nesse tempo, o editor João Pedro George teve contato com o blog da jurista e escritora e facilmente vislumbrou o potencial que se mostrava linha após linha, convencendo-a adiante em publicar o livro. Não eram palavras soltas e intimistas apenas que entusiasmaram os leitores. A preocupação com o estilo literário é totalmente intrínseca em tudo o que a escritora publica. “Revejo, corrijo, reescrevo. É uma escrita que só publico quando o texto tem certa musicalidade para mim e percebo que as palavras estão todas certas, as vírgulas estão certas”, conta e complementa a seguir: “E tenho limites nessa escrita. Ela é confessional, mas tenho limites. Por exemplo, geralmente sobre meus filhos só escrevo coisas maravilhosas, sobre o amor que sinto por eles e o que eles sentem por mim.”

Embora os filhos não leiam o que a mãe escreve, a mesma franqueza e cuidado de Ana Cássia com a literatura se estabeleceu e ajudou a construir uma relação familiar aberta e autêntica em casa. “As crianças não são burras. E meus filhos conhecem absolutamente aquilo que é minha fragilidade e o que é minha força. E sabem que, apesar de tudo, sou uma vencedora e que isso se deve muito ao amor incondicional que tenho por eles e o amor incondicional que eles têm por mim. É uma relação muito autêntica, que os torna mais fortes.”

Dos hábitos que Ana Cássia tem, um é de caminhar sozinha. Sente necessidade da contemplação e, quando visita uma cidade à qual nunca foi, prefere andar pelos subúrbios a escolher os lugares turísticos. Às vezes, tem de lidar com aqueles que não compreendem sua depressão, até porque, como dizem, ela é “inteligente, charmosa, tem casa bonita no centro da cidade e emprego estável”.

Acontece que a tristeza é um elemento formador da escritora portuguesa, assim como se sabe que 65% do corpo humano se compõem de água e outros líquidos. Escreve, por exemplo: “A tristeza é minha melhor amiga. Como matar a melhor amiga que vive em nós?”. “A tristeza, angústia, desespero são sentimentos que conheço e de certa maneira estou habituada a eles. E sinto certa estranheza quando não estou assim. Sinto que não sou eu. Há períodos de melhoria em que experimento uma felicidade que é boa, à qual não estou habituada. Fico assim a pensar se esta sou eu ou se é uma Ana alegre, que sente prazer em viver. Mas a doença volta sempre, por mais que eu faça terapia, vá de 15 em 15 dias ao psiquiatra. Ela sempre volta e é encarada por mim como uma enorme rota.

A verdade é que não é possível experimentar a alegria sem experimentar a tristeza.”

Diante da boa recepção de *Ana de Amsterdam*, pergunto à autora se pretende lançar um novo título em breve, já que se sabe que ela continua a escrever. Diz que não, mas em seguida ressalta sua principal característica: a instabilidade. “Estou constantemente a mudar de opinião. Não tenho certeza de nada”, conta.

O que é certo para ela é que, como se não tivesse previsto antes, há outra Ana Cássia Rebelo que vive junto com ela e não parece querer se desprender. Uma é jurista e escritora, trabalha fora de casa das 9h às 17h30 e em casa no período noturno. Cuida dos filhos, preza a família e escreve. A outra é personagem, com o mesmo rosto, cor de olhos e cabelo. “Ela é uma edição de mim própria. Às vezes, me sinto um pouco esquizofrênica, porque essa Ana do livro é também uma personagem, baseada naquilo que penso e vivo, na minha realidade. E às vezes me sinto assombrada por essa Ana, acho que ela é mais bonita e mais interessante do que eu, e por vezes tento me libertar dela.” A pergunta é: como?